

# INQUÉRITO de CONJUNTURA

## 1º Trimestre de 2013

- O Nível de Atividade manteve tendência de pioria
- Vendas caíram fortemente relativamente ao trimestre anterior
- Quebra das vendas homólogas foi menos acentuada que no período anterior
- As previsões para o 2º trimestre apontam para uma estabilização do volume de negócios

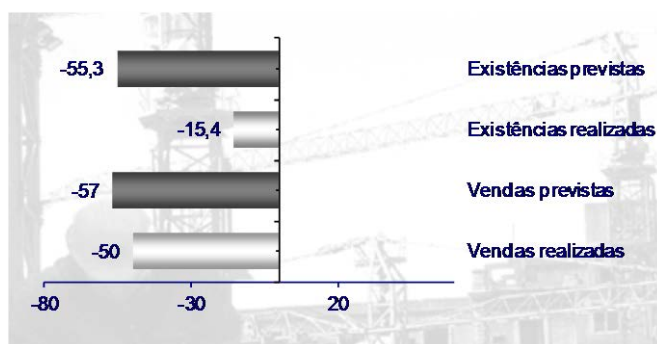
### APRECIACÃO GLOBAL

De uma forma geral, ainda que tratando-se de um trimestre tradicionalmente fraco, podemos constatar que prosseguiu o movimento de contração do mercado cujo início se reporta a um já algo longínquo ano de 2002.

De fato, o saldo negativo das respostas extremas (SRE) no indicador “vendas” voltou a agravar-se (de -27,3%, para -50%), tendo a percentagem das empresas que afirmou a diminuição face ao período anterior subiu de 46,9% para 56,2%.

Apesar deste indicador ter ficado aquém das previsões mais negativas, não deixa de ser significativo que o número de empresas que mencionou o aumento de vendas tenha baixado de 19,6% no 4º trimestre de 2012 para apenas 6,2% neste período.

VENDAS E STOCKS - 1º TRIMESTRE 2013  
(SRE - saldo das respostas extremas)



Bem pior foi o fato da percentagem de empresas que afirmou ter diminuído as “existências” ter baixado dos 31,8% registados no 4º trimestre de 2012, para uns escassos 19,2%, tal como o SRE deste indicador que passou de -30,7% para -15,4%. Neste caso, o valor realizado ficou muito aquém das previsões, indiciando que as empresas não terão conseguido realizar as cor-

reções de existências que previam, o que pode ter sido influenciado por algumas compras de final do ano para aproveitar descontos ou para atingir compromissos comerciais.

Uma vez mais, apesar de ambos os subsectores continuem a partilhar uma evolução de sentido negativo, armazenistas e retalhistas voltaram a apresentar diferenças significativas na maioria dos indicadores.

### 1º TRIMESTRE DE 2013

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 50,0	- 39,3	- 58,1
Existências	- 15,4	- 7,1	- 21,6
Preços	- 6,1	+ 1,8	- 12,1
Atividade	- 39,3	- 43,8	- 33,4
Vendas homólogas	- 39,3	- 37,5	- 41,6

Neste período, com exceção da evolução do “nível de atividade” e da “variação de existências”, as empresas retalhistas evidenciaram um comportamento mais negativo em todos os outros indicadores, particularmente nos “preços de venda” e nas “vendas trimestrais”.

O SRE dos “preços de venda” foi mais negativo que no período anterior (-0,5% no 4º trimestre de 2012), retomando uma longa série de sete trimestres de contínua descida. Contudo, os comportamentos dos dois subsectores tiveram sentidos contrários, com os armazenistas a voltarem a números positivos (depois dos surpreendentes -8,0% observados do 4º trimestre de 2012), enquanto no subsector retalhista o SRE foi claramente negativo (-12,1%), como, aliás, à exceção do trimestre anterior, tem sido habitual.

Não obstante, a estabilidade dos preços de venda foi a regra, à exceção da descida verificada nos grupos dos “revestimentos (papéis, telas, aglomerados de cortiça, etc.)” e do “material de construção de vidro”. Em sentido contrário, observou-se uma ligeira tendência de subida no grupo das “tubagens e acessórios em plástico”.

### 1º TRIMESTRE DE 2013

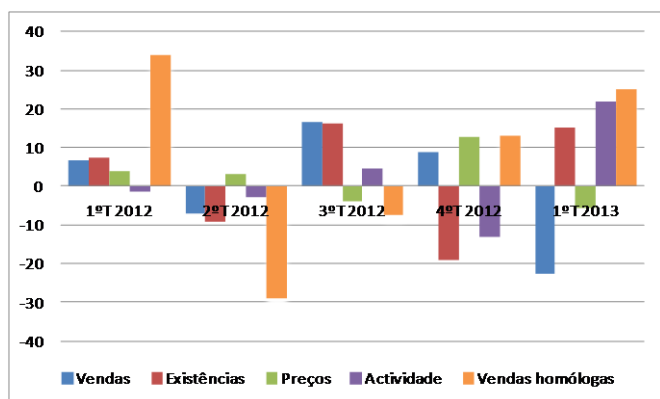
(variação dos valores do SRE - saldo das respostas extremas - face ao trimestre anterior)

Indicadores	Variação do saldo das respostas extremas em pontos percentuais		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 22,7	+ 16,7	- 32,8
Existências	+ 15,3	+ 42,9	+ 1,7
Preços	- 5,6	+ 9,8	- 14,4
Atividade	+ 22,0	+ 9,5	+ 35,4
Vendas homólogas	+ 25,2	+ 42,5	+ 8,4

(sinal "-" indica pioria ou diminuição; sinal "+" indica melhoria ou aumento)

A evolução trimestral do setor teve um comportamento misto. Do lado positivo, regista-se a apreciação do “**nível de atividade**” e as “**vendas homólogas**”. Por outro lado, com um sinal francamente negativo, evidenciam-se as “**vendas**” (**variação trimestral**) e as “**existências**”, uma vez que, neste último caso, a redução da intensidade da respetiva diminuição, em sentido contrário ao das vendas, sugere uma insuficiente correção nos inventários.

VARIAÇÃO DOS VALORES DOS SALDOS DAS RESPOSTAS EXTREMAS FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



O aumento da intensidade da redução das “**vendas**” das empresas do setor, ainda que esperada, acabou por ser o dado mais significativo deste 1º trimestre de 2013. Este comportamento teve origem, sobretudo, no subsector retalhista, já que entre os armazenistas a maioria das empresas terão conseguido manter o nível de negócios.

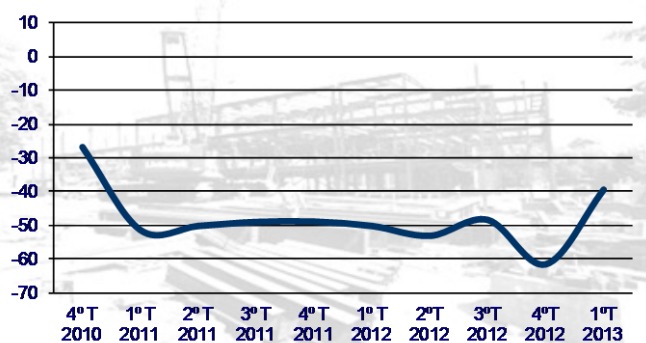
De fato, enquanto no setor armazenista a percentagem do que referiu a diminuição das vendas trimestrais se quedou pelos 41,1%, no segmento retalhista a percentagem subiu para os 67,6%.

No que respeita, em particular, à apreciação do “**nível de atividade**”, importa salientar que a aparente melhoria do indicador relativamente ao último trimestre de 2012 é algo enganadora, já que o que efetivamente significa é que, segundo a apreciação feita pelas empresas, este se continuou a degradar, embora o agravamento não tenha sido tão forte como o observado no período anterior.

Entre as causas invocadas pelas empresas que prejudicaram a respetiva atividade, destacaram-se a “falta de encomendas” com 91,7% das respostas, seguidas pelos “encargos de distribuição” e pelas “dificuldades de tesouraria” referidas por, respetivamente, 16,7% e 8,3% dos inquiridos.

O recurso ao crédito bancário para financiamento da atividade corrente aumentou face ao trimestre anterior (39,3%, contra 25,8%), com destaque, uma vez mais, para as empresas armazenistas (43,8% das respostas), ao contrário do segmento retalhista em que a utilização do crédito bancário foi referida por 33,3% (12,5% no trimestre anterior). Desta vez, foi nula a percentagem das empresas que utilizou o crédito bancário para investimento.

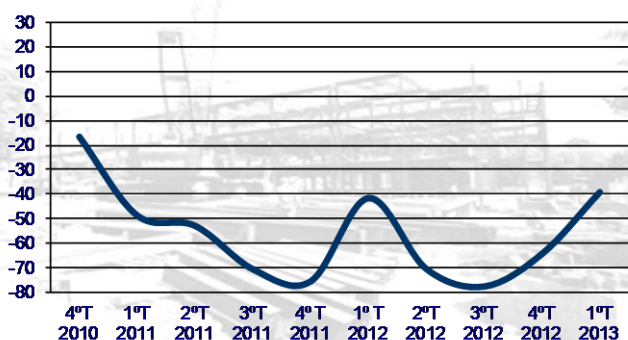
EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE (SRE - saldo das respostas extremas)



A evolução do indicador “**vendas homólogas**” permaneceu fortemente negativo, mas apesar de tudo foi menos violenta que nos últimos trimestres.

Na verdade, o saldo negativo das respostas extremas observado neste 1º trimestre de 2013 foi inferior ao observado nos trimestres sucessivos ao longo do último ano, nomeadamente no 1º trimestre de 2012. Assim, o SRE neste período foi de -39,3% (que compara com -64,5% no trimestre anterior), destacando-se o fato 14,3% das respostas terem afirmado um aumento de vendas face ao 1º trimestre de 2012 (16,7% no subsector retalhista e 12,5% no subsector armazenista).

**VOLUME DE VENDAS COMPARADO COM O MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR (SRE – saldo das respostas extremas)**



As previsões para o 2º Trimestre de 2013 permanecem negativas, não obstante os valores apurados revelarem uma melhoria geral das expectativas relativamente à evolução dos negócios, em particular no segmento armazenista, o que ficará a dever-se sobretudo aos fatores de caráter sazonal.

**PERSPETIVAS PARA O 2º TRIMESTRE DE 2013**

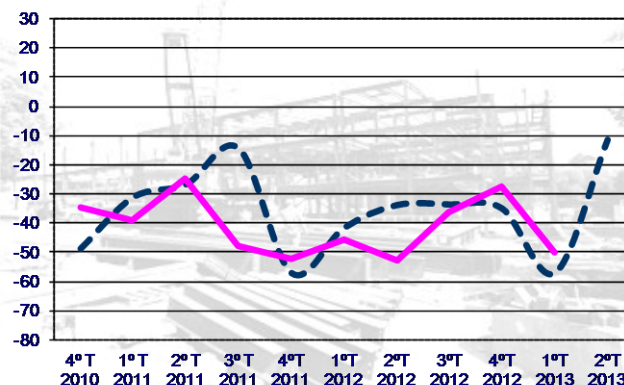
Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Cart. Encomendas	- 23,1	+ 12,5	- 50,0
Vendas	- 11,5	+ 17,8	- 33,8
Enc. Forneced.	- 16,2	+ 25,0	- 47,3
Existências	- 14,6	+ 21,4	- 41,9

Conforme nos revela o gráfico “Vendas Previstas e Vendas Realizadas” que se segue, no 2º trimestre, todavia, nem sempre as expectativas foram confirmadas, face à dependência de outros fatores algo aleatórios, como a “confiança” e as “medidas de austeridade” adicionais que vão sendo tomadas...

No ano anterior, por exemplo, as expectativas foram frustradas e o 2º trimestre veio a revelar-se ainda pior que o anterior. Mas como desta vez choveu muito entre janeiro e março, pode ser que, pelo menos os particulares aproveitem a melhoria do tempo para fazer algumas obras.

Também, o ênfase dado pelo governo ao arranque de uma nova fase do processo de ajustamento, anunciando que *chegou a hora do investimento*, pode ser que venha a traduzir-se em fatores positivos de animação do setor. Quanto mais não seja, sabemos que, em média, o investimento industrial, tem uma componente de cerca de 60% de trabalhos de construção.

**Vendas Previstas e Vendas Realizadas (saldo das respostas extremas)**



Todavia, não podemos de alguma forma deixar de lado os indicadores objetivos mais recentes sobre o setor da construção e do imobiliário.

A verdade é que os mais recentes dados de conjuntura no setor da construção divulgados pelo INE, seja o comportamento do índice de produção, seja o desemprego, seja a evolução do próprio licenciamento de obras, deixam antever, no imediato, novo agravamento das dificuldades.

De fato, o índice de produção no sector da construção e obras públicas apresentou uma variação homóloga de - 23,7% (-17,7% no trimestre anterior), o que correspondeu a uma diminuição de 21,9% na construção de edifícios e de 25,2% nas obras de engenharia.

Por outro lado, o número de desempregados oriundos da Construção e inscritos nos centros de emprego ultrapassou os 111 mil, em média mensal, ao longo do primeiro trimestre de 2013, o que constitui o máximo histórico dessa série (eram 101 449 no final de novembro de 2012).

Ao nível do licenciamento habitacional, o número total de fogos licenciados em construções novas para habitação familiar registou uma variação trimestral de - 19,3%, situando-se abaixo de 1,9 mil fogos (contra 2,3 mil fogos no trimestre anterior). A variação homóloga trimestral atingiu um valor negativo de -44,6% e a variação média anual de -38,5%, o que atirou o número total de fogos licenciados em construções novas para habitação no ano terminado em 31 de Março de 2013 para 9 549, contra os 11 045 no ano terminado em 31 de Dezembro de 2012.

No que concerne ao número de licenças de obras de reabilitação verificou-se um decréscimo, em termos trimestrais, de 6,1%, confirmando a perda de dinâmica já observada desde o 2º trimestre de 2012. A variação homóloga das licenças para obras de reabilitação no primeiro trimestre de 2013 foi igualmente negativa (- 15,7%, contra -19,8% no trimestre anterior) e a varia-

ção anual média agravou-se, fixando-se em -11,2%, contra -5,6% no 4º trimestre de 2012.

A perspetiva de agravamento do nível de atividade é confirmada pelo índice de novas encomendas na construção que diminuiu, em termos homólogos, 19,6% no 1º trimestre de 2013 (variação de -14,5% no trimestre anterior). O índice relativo ao segmento de Construção de Edifícios registou uma taxa de variação homóloga de -32,2% (-22,5% no trimestre anterior).

Infelizmente, a não ser alguma retórica e o “Compromisso para a Competitividade Sustentável do Setor da Construção e do Imobiliário”, que com as suas 50 medidas, foi assinado entre o Governo e a CPCI - Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário, não existem outras bases com o mínimo de solidez que permitem acalantar esperanças de uma travagem na recessão que o setor vive, quanto mais na sua retoma.

Continuamos a assistir todos os dias ao aumento das insolvências e à redução do crédito bancário que, naturalmente, acompanha a perceção do aumento de risco e das dificuldades financeiras das empresas.

As intenções de investimento estão adiadas, esperando pelo retorno da estabilidade do mercado e por condições fiscais menos predatórias.

A reabilitação só existe no mínimo indispensável, já que o poder de compra das famílias diminuiu quase tanto como aumentaram os seus receios relativamente ao futuro e a obsessão com a poupança que pode vir a ser necessária nos próximos tempos.

A banca, por seu lado, afogada em imóveis, concentrou os seus esforços e dedicou o pouco crédito disponível para facilitar a venda desses ativos, em detrimento do apoio a novos projetos, sejam eles de construção ou de reabilitação.

O governo, lamentavelmente, continua a tratar o setor da construção com “os pés”, esquecendo que ele constitui, não só a principal ferramenta de transformação e modernização do país, mas também o principal dinamizador do mercado interno, criador de emprego e fonte da receita fiscal.

Enquanto assim continuar, nem o setor nem o país terão qualquer hipótese de recuperação.